

RESERTE BRASILIA

EM DEFESA DO TOMBAMENTO

Moradores são a favor da cidade só na teoria

A pesquisa do Instituto Soma sobre o tombamento de Brasília mostra que 76% dos moradores da Asa Sul e da Asa Norte têm orgulho de morar na cidade. Mais ainda: quase 80% da população do Plano Piloto está satisfeita com a qualidade de vida que tem. Enche o peito para defender Brasília, mas também encontra argumentos convincentes para justificar alterações no plano original da cidade concebida em 1957 por Lucio Costa e que ostenta, desde 1987, o título de Patrimônio Mundial.

Nos textos ao lado, moradores de Brasília, declaram amor à cidade, querem a preservação, mas também defendem alterações que vão contra o desenho original de Lucio Costa. Uma postura que a pesquisa demonstrou ser comum entre o brasiliense. O problema é que as pequenas transgressões ao desenho da cidade promovem, juntas, descaracterizações sem tamanho. "Ninguém percebe que a soma das migalhas de atos pode gerar uma grande deteriorização", alerta Briane Bicca, coordenadora de Cultura do Escritório da Unesco no Brasil.

Fato curioso revelado pela pesquisa é que os entrevistados não se reconhecem como agressores. Entre eles, 57% disseram que o governo é o grande culpado pela degradação do patrimônio de Brasília, 20% apontaram os deputados distritais e 28% disseram ser os próprios moradores os principais responsáveis pelas infrações ao tombamento da cidade. De certa forma, eles têm razão.

Os poderes executivo e legislativo contribuem de forma significativa nas modificações impressas no traçado de Brasília. Uma agressão que se traduz em números. Levantamento feito pela arquiteta Tânia Battella, coordenadora da Comissão de Políticas Urbanas do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/DF), revelou que, entre janeiro de 1995 e julho deste ano, os deputados distritais aprovaram 101 projetos de lei que promoveram modificações no Plano Piloto. Detalhe: 21 eram de autoria do executivo.

SEM ENGAJAMENTO

A pesar de 67% dos entrevistados afirmarem que são a favor do tombamento, 79% nunca fizeram nada para barrar alguma agressão à cidade. O resultado prova que boa intenção existe, mas trabalho, de fato, ainda não. Eis outra barreira à preservação de Brasília: a falta de engajamento dos seus moradores, ingrediente fundamental no zelo pela capital brasileira.

Nesse sentido, Brasília contradiz outras cidades que passaram ou estão passando pelo processo de inclusão na lista da Unesco. Um exemplo recente é o da Cidade de Goiás, também conhecida como Goiás Velho. No final de março, a cúpula do Conselho Internacional para Monumentos e Sítios (Icomos) aprovou, por unanimidade, a candidatura da cidade goiana a Patrimônio Mundial. O Icomos é uma organização não-governamental que indica à Unesco os locais que devem ou não fazer parte da lista.

Em Goiás Velho, houve todo um esforço dos moradores para resgatar antigas características da cidade, a fim de deixá-la em condições de pleitear vaga entre os locais que já são mundialmente reconhecidos. "A preservação é bem mais fácil numa cidade em que as forças vivas batalham para inclui-la na lista do Patrimônio", diz Briane Bica, da Unesco. (RA e TR)

Pesquisa do Instituto Soma revela que maioria dos brasilienses nunca participou de alguma mobilização para proteger a cidade de agressões contra plano urbanístico original

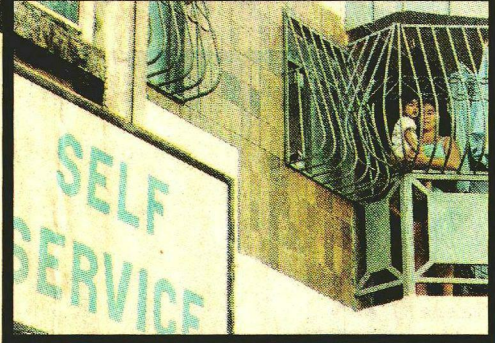
O TOMBAMENTO PELOS BRASILIENSES

LÍVIA OLIVEIRA

Dona de casa, mora na comercial da 713 Norte
Agressão: As quadras da 700 Norte foram projetadas exclusivamente para comércio, mas são ocupadas por várias famílias.

"Moro há um mês nesse local. Antes, morava em Sobradinho. Mas prefiro morar aqui porque é perto do trabalho do meu marido. Já ouvi dizer que esse local é só de comércio. Mas eles é que estão errados. Os comércios é que deveriam sair e deixar o local para os moradores. As lojas causam muita bagunça. Tem muito carro, muito barulho. Nunca ouvi dizer que Brasília seja Patrimônio Mundial. Não sei o que é isso. Mas já escutei na televisão que a população está crescendo muito e isso é ruim. Adoro a cidade. Acho bonita. Fiquei deslumbrada quando vi o Congresso pela primeira vez. É uma pena que tenham poucas opções de lazer aqui."

Fotos: Sérgio Amaral

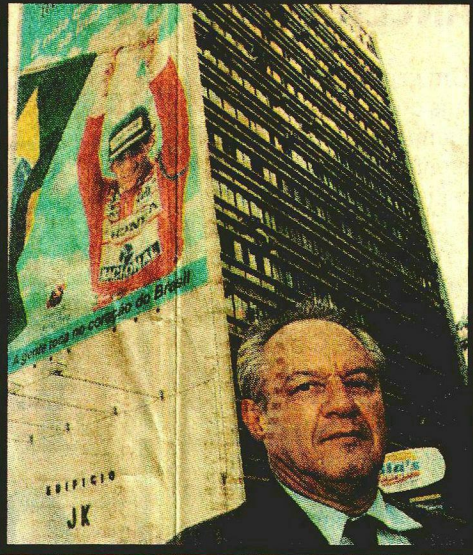


LENIR FIDELIS RECH, 60 ANOS

Assistente social aposentada, moradora da 707 Sul
Agressão: A casa dela é cercada de comércio. No projeto original, a faixa 700, ao longo da W3, seria apenas residencial.

"Tenho orgulho de morar em Brasília, mas temos de abrir alternativas para a solução de problemas que resultaram de mudanças no projeto original. A W3 era para ser via marginal, de escoamento. Não era para convivermos com o barulho desse trânsito todo. Que tombamento é esse que permite alterações e não dá alternativas? Brasília ganhou o título da Unesco, mas não soube planejar as alterações. Morar nas 700 virou um inferno. As pessoas conseguem alugar para abrir comércio aqui facilmente. Esse boom, que começou em 1998, atrapalhou muito nossa vida. Não temos mais espaço de estacionar. As pessoas só param os carros em frente às nossas garagens. A gente tem de chamar a polícia, se quiser tirar o carro de casa porque o cliente que frequenta o comércio se sente no direito de criar caso. Já tive emergência de saúde e não consegui tirar o carro da garagem. Precisei chamar um táxi."

ENRICO CARUSO



Advogado, tem um escritório de direito no Setor comercial Sul
Mora há 9 anos na 102 Sul
Agressão: Acha que a cidade está poluída visualmente, mas considera que a publicidade é positiva, quando quebra a austeridade de Brasília.

"Acho que tem muita publicidade bem feita e que não quebra a harmonia da cidade. Concorde que as laterais dos prédios sejam preenchidas com anúncios. Tem muita coisa de bom gosto. Mas também acho que a estrutura original da cidade não pode ser modificada. As linhas arquitetônicas têm de permanecer inalteradas. Isso é uma garantia da qualidade de vida dos moradores. Mas existem coisas censuráveis que podem ser justificadas. É o caso de usar cercas no térreo dos blocos do Plano Piloto. Sou contra, mas diante da insegurança da cidade, acaba sendo uma alternativa para o morador se proteger. Os estacionamentos irregulares embaixo dos blocos também só acontecem por falta de opção"

ISSA CARLOS OBIED, 44 ANOS

Dono do Restaurante Ali Ba Ba, na 205 Sul, e morador da 408 Norte
Agressão: Usa área pública na lateral e defende a utilização do gramado das entrequadras como estacionamento

"Perdi muito cliente porque eles vinham aqui e não tinham como estacionar o carro. Não sei qual o mal de estacionar atrás, entre as árvores da área verde da quadra residencial. A preservação da cidade é importante, mas não podemos conservá-la demais. Que vai adiantar? Vamos ter uma cidade entocada, sem vida, que não é funcional. As pessoas precisam sobreviver. Eu investi R\$ 80 mil nesse restaurante, capricho na comida, mas as pessoas não têm como frequentá-lo. Vou transformá-lo numa lanchonete. É a saída. Uma pena, porque tenho 11 funcionários. São 11 famílias que dependem do restaurante. Brasília foi planejada numa época muito diferente da realidade de hoje. O morador das satélites dorme lá, mas trabalha e almoça no Plano Piloto."



MAIS BRASÍLIA

SELO PARA EMPRESÁRIOS

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por meio da gerência-executiva de Brasília, estuda a criação do prêmio Qualidade Patrimônio. A iniciativa tem por objetivo incentivar empresários a se engajar na luta pela preservação da cidade. "Seria uma espécie de selo como tantos outros que medem a eficiência das empresas", explica Thays Zugliani, do Iphan. Para incentivar a participação dos brasilienses no cuidado da cidade, a gerência-executiva planeja ainda criar um espaço na sede do Iphan para promover debates abertos à população.

O NÚMERO

SEGURANÇA

62%

dos entrevistados pelo Instituto Soma são favoráveis à construção de guaritas nas residências do Plano Piloto, o que comprometeria o livre acesso de moradores, uma afronta ao projeto de Lucio Costa.

UNESCO SÓ VIRÁ NO 2º SEMESTRE

A missão da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que vai constatar *in loco* as agressões ao tombamento de Brasília, só deve chegar ao Brasil no próximo semestre. "O relatório preparado pelo Iphan será apreciado na reunião da Unesco, em junho. Dependendo dos resultados, a missão será enviada", afirmou Briane Bicca. Ano passado, membros da Unesco pediram ao governo brasileiro um dossiê detalhado sobre as interferências na arquitetura da capital federal. A avaliação dos técnicos das Nações Unidas pode determinar a inclusão da cidade na lista do Patrimônio em Risco.

A FRASE

"Brasília não teve tempo de amadurecer essa questão da preservação. Agora que está sendo agredida, vai aprender pela dor. Será um processo longo, que precisa contar com a participação de todos os moradores de Brasília."

BRIANE BICCA

Coordenadora de Cultura do Escritório da Unesco no Brasil.